ENSINO DE GEOGRAFIA E A CIDADE: REPRESENTAÇÕES NOS DESENHOS DOS ALUNOS DA ESCOLA INDÍGENA TATAKTI KYIKATEJÊ – ALDEIA GAVIÃO – BOM JESUS DO TOCANTINS-PARÁ

TEACHING GEOGRAPHY AND THE CITY: REPRESENTATIONS IN THE DRAWINGS OF STUDENTS OF THE TATAKTI KYIKATEJÊ INDIGENOUS SCHOOL – ALDEIA GAVIÃO – BOM JESUS DO TOCANTINS - PARÁ

ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFIA Y LA CIUDAD: REPRESENTACIONES EM LOS DIBUJOS DE ESTUDIANTES DE LA ESCUELA INDÍGENA TATAKTI KYIKATEJÊ – ALDEIA GAVIÃO – BOM JESUS DO TOCANTINS – PARÁ

Dionel Barbosa Ferreira Júnior
Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT)
E-mail: dioneljunior41@gmail.com

Jonatan Carneiro de Jesus
Graduando em Geografia pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa)
E-mail: jonatan12carneiro@unifesspa.edu.br

Marcus Vinicius Mariano de Souza
Professor de Geografia na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa)
E-mail: marcussouza@unifesspa.edu.br

Robson Alves dos Santos
Professor de Geografia na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa)
E-mail: robson.geografia@unifesspa.edu.br

Resumo: O artigo tem como objetivo apresentar e discutir as análises dos desenhos sobre "cidade", produzidos durante a aula de Geografia por alunos (as) da escola indígena *Tatakti Kykatejê*, localizada em uma aldeia indígena no município de Bom Jesus do Tocantins, Pará. A realização dessa pesquisa partiu-se do método qualitativo, além das metodologias utilizadas divididas em dois momentos: 1) discussões e análise bibliográfica acerca da temática "Cidade no Ensino de Geografia" e 2) Resultados da elaboração de desenhos dos alunos". A cidade é uma dimensão do vivido que apresenta os lugares da vida dos sujeitos, que pode ser utilizada para potencializar a construção de conhecimentos significativos nas aulas de Geografia, podendo ser explorada para fins pedagógicos e sociais. A partir dessa atividade, foi possível demonstrar a visão dos alunos indígenas, que trouxeram consigo as suas concepções e a relação tão próxima com as cidades, desmitificando a cidade como algo tão distante; descontruindo o estereótipo genérico associado a eles.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Cidade. Desenho. Escola Indígena.

Abstract: The article aims to present and discuss the analysis of drawings about "city", produced during the Geography class by students of the Tatakti Kykatejê indigenous school, located in an indigenous village in the municipality of Bom Jesus do Tocantins, Pará. This research was based on the qualitative method, in addition to the methodologies used, divided into two moments: 1) discussions and bibliographic analysis on the theme "City in the Teaching of Geography" and 2) Results of the elaboration of student drawings". The city is a dimension of the lived experience that presents the places of the subjects' lives, which can be used to enhance the construction of significant knowledge in Geography classes, and can be explored for pedagogical and social purposes. From this activity, it was possible to demonstrate the vision of indigenous students, who brought with them their conceptions and the close relationship with the cities, demystifying the city as something so distant; deconstructing the generic stereotype associated with them.
Keywords: Teaching Geography, City, Drawing, Indigenous School.

Resumen: El artículo tiene como objetivo presentar y discutir el análisis de dibujos sobre "ciudad", producidos durante la clase de Geografía por estudiantes de la escuela indígena Tatakti Kykatejê, ubicada en una aldea indígena del municipio de Bom Jesus do Tocantins, Pará. Esta investigación se basó en el método cualitativo, además de las metodologías utilizadas, dividida en dos momentos: 1) discusiones y análisis bibliográfico sobre el tema "La Ciudad en la Enseñanza de la Geografía" y 2) Resultados de la elaboración de dibujos de estudiantes". La ciudad es una dimensión de la experiencia vivida que presenta los lugares de vida de los sujetos, que pueden ser utilizados para potenciar la construcción de conocimientos significativos en las clases de Geografía, y pueden ser explorados con fines pedagógicos y sociales. A partir de esta actividad se pudo evidenciar la visión de los estudiantes indígenas, quienes trajeron consigo sus concepciones y la estrecha relación con las ciudades, desmitificando la ciudad como algo tan lejano; deconstruyendo el estereotipo genérico asociado a ellos.

Palabras clave: Enseñanza de Geografía. Ciudad, Dibujo. Escuela Indígena.

Introdução

A Geografia é uma das ciências/disciplinas responsáveis pela formação do ser humano; é através dela que o aluno, ao longo de sua trajetória, no âmbito escolar, pode desenvolver o seu senso crítico e tornar-se um indivíduo reflexivo, além de conhecedor do espaço em que convive. É pensando no cotidiano e nos espaços de vivência que se tornam relevantes as abordagens temáticas sobre o ensino de cidade enquanto objeto de estudo. Para Carlos (2013, p. 22), "[...] a cidade é mais do que as materializações das relações sociais e de produção, é todo um modo de viver, pensar e sentir [...]", ou seja, pode ser explorada para fins pedagógicos e sociais nas aulas de Geografia.

Os conteúdos que se referem às cidades, na área da educação, mais especificamente no ensino de Geografia, têm uma importância pertinente no contexto atual. Principalmente quando se utiliza de uma abordagem significativa para contribuir diretamente com a construção de uma forma de pensar o espaço a partir do olhar geográfico. Um olhar que ajude os sujeitos a compreenderem a cidade para além de uma paisagem que se materializa.

O artigo tem como objetivo apresentar e discutir as análises dos desenhos sobre "cidade", produzidos durante a aula de Geografia por alunos (as) da escola indígena *Tatakti Kykatejê*, localizada em uma aldeia indígena no município de Bom Jesus do Tocantins, Pará. Assim, o referido estudo tem como motivação inicial as discussões e abordagens promovidas pela interação entre as disciplinas: 1ª) Ensino de Geografia e a Cidade e 2ª) III Estágio Supervisionado, ofertadas no 8º período do curso de licenciatura em

Geografia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, (Unifesspa) - *campus* Marabá, que culminaram na atividade dos desenhos. Para que a segunda disciplina mencionada fosse concretizada, os discentes estagiaram na Escola Indígena de Ensino Fundamental e Médio *Tatakti Kyikatejê,* localizada na Terra Indígena Mãe Maria no município de Bom Jesus do Tocantins, PA.

Através da realização do Estágio III, em uma escola indígena, surgiu a ideia de investigar quais as representações que a cidade possui para esses alunos indígenas, visto que também frequentam a cidade apesar de não viverem nela, como abordado na tese de doutorado de Malheiro (2019), *(Etni)Cidade Indígena na Amazônia: por uma Geografia do Contato Interétnico*. Nesse sentido, a regência realizada teve como conteúdo "a cidade e suas representações", com os 7 alunos que se faziam presentes na turma 9º ano. Cabe ressaltar que, por se tratar de uma escola indígena e atender aos alunos que residem na aldeia, as salas de aula possuem, em média, de 10 a 15 alunos. A escolha pela série se deu por meio do professor indígena responsável pela disciplina de Geografia, em razão de ser um assunto que seria trabalhado de acordo com seu cronograma.

A aula teve como objetivo desenvolver junto aos alunos o conceito de cidade a partir das suas relações de vivência e conhecimento prévio de cada um, visto que estes residem em uma aldeia indígena, solicitando aos adolescentes a concepção de cidade por meio dos desenhos e comentários acerca das representações produzidas por eles. Portanto, esse trabalho é subdividido em dois momentos: primeiro, será realizada uma discussão teórica sobre o ensino de cidade, destacando a inserção no ensino de Geografia. Posteriormente, serão apresentados os resultados das análises que

foram feitas dos desenhos sobre “cidade”, produzidos durante a aula de Geografia por alunos e alunas de uma escola indígena.

Materiais e métodos

Para a elaboração desta pesquisa de cunho qualitativo, foram considerados alguns procedimentos com base no objetivo proposto. As metodologias utilizadas foram divididas em dois momentos. Primeiramente, discussões e análise bibliográfica acerca da temática "Cidade no Ensino de Geografia", visto que os discentes do curso de licenciatura plena em Geografia estavam cursando essa disciplina no 7º período. Foram utilizadas abordagens de autores, como Cavalcanti (2002, 2012, 2013, 2015); Carlos (1992, 2013); Lefebvre (1991); Carvalho (2018) e Malheiro (2019).

Em seguida, a partir da disciplina de Estágio Supervisionado III, tornou-se possível a realização da regência em sala de aula como requisito avaliativo na disciplina formativa dos licenciandos em Geografia da Unifesspa. Os desenhos e as justificativas dos alunos no 9º foram os recursos utilizados. Os sujeitos desta pesquisa foram orientados a partir da seguinte questão problematizadora: 1º) Desenhe o que é cidade para você; em seguida, diga qual a justificativa do seu desenho.

Resultados e discussões

O ensino de cidade e conhecimento prévio: apontamentos e reflexões

Compreender, discutir e analisar a cidade enquanto objeto de estudo é tarefa recorrente das diferentes áreas científicas, e abarca concepções de História, Sociologia, Filosofia, Geografia e demais escolas literárias. Corrêa (1989) elucida o interesse sobre os estudos da cidade ao destacá-la enquanto lugar predominante de

pessoas, além dos grandes investimentos de capital destinados às atividades localizadas na cidade, seja no próprio crescimento urbano ou na produção da cidade, destacando esse espaço como "principal lugar dos conflitos sociais".

A definição de cidade está associada à presença humana e suas relações em um determinado espaço. A cidade se molda conforme as práticas sociais mudam, no decorrer do tempo, acompanhando o processo de reestruturação e modernização de acordo com a sua perspectiva histórica, como ressalta Lefebvre (1991):

> A cidade sempre teve relações com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes (campo e agricultura, poder ofensivo e defensivo, poderes políticos, Estados etc.), com sua história. Portanto ela muda quando muda a sociedade no seu conjunto. (LEFEBVRE, 1991, p. 46).

Partindo dessa concepção, Carlos (1992) enfatiza que a cidade é uma realização humana, uma criação que vai se construindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, diferenciada em função de determinações históricas específicas. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2015) 84,72% da população brasileira vive em áreas urbanas, o que se evidencia na preocupação dos estudos de cidade nos diversos âmbitos, incluindo o espaço escolar. Para Freire (2001), a cidade nada mais é do que "cultura", tendo em vista o que fazemos nela e dela; logo, compreende-se a cidade como possibilidade de espaço educativo.

Nesse sentido, a temática sobre cidade ganha cada vez mais força no âmbito educacional, inserida como conteúdo das escolas,

sobretudo na disciplina de Geografia, uma vez que possibilita investigar e compreender a realidade do mundo em sua complexidade. Desse modo, as contribuições de Callai (2010, p,17) discorrem a relevância da geografia escolar e acadêmica, com o propósito de "[...] analisar e buscar as explicações para o espaço produzido pela humanidade." A educação se materializa para além dos muros das instituições de ensino, inferindo-se assim a cidade enquanto "objeto educador" capaz de ser interpretado e explorado cada vez mais pelos alunos. Nas palavras de Cavalcanti (2012, p. 10):

> A cidade, como conteúdo escolar, não é concebida apenas como forma física, mas como materialização de modos de vida, como espaço simbólico; seu estudo implica desenvolver no aluno a compreensão do modo de vida da sociedade global contemporânea e de seu cotidiano em particular, além de contribuir para o desenvolvimento de habilidades necessárias para os deslocamentos do aluno, seja nos espaços mais imediatos de seu cotidiano, seja em espaços mais complexos, que podem envolver uma rede de cidades. (CAVALCANTI, 2012, p. 10).

Cavalcanti (2013, p. 77) define a cidade enquanto

> [...] um espaço multicultural, é o lugar da copresença, da coexistência. Nessa compreensão de cidade, sua realidade e projetos, há de se fazer distinção entre os diversos grupos, seus desejos, anseios, rotinas, estilos e a desigualdade de participação social.

As dinâmicas da cidade fomentam diversos aspectos do cotidiano urbano, como as relações políticas, sociais e culturais; as interações do comercio; as problemáticas de setores da sociedade, como habitação, trânsitos, transportes e outros que compõem as

relações construídas pela cidade e na cidade. Essas relações, no cenário do espaço urbano, partem de práticas pessoais e de grupos sociais pela busca do entendimento do papel de cidadão, de suas relações com cidade e da relação dela com os cidadãos. O ensino de Geografia contribui à formação dos alunos a partir de sua compreensão do conceito "cidade" como categoria de análise geográfico do mundo.

Cavalcanti (2012), em sua obra *A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana*, faz uma reflexão sobre trabalhar a cidade como ferramenta de formação das pessoas. A cidade é um local privilegiado da vida social, na medida em que, mais do que abrigar a maior parte da população, ela produz um modo de vida, em decorrência da sua complexidade, e requer um olhar multi e interdisciplinar, sendo objeto de estudo de vários profissionais e estudiosos.

A cidade enquanto temática no ensino é objeto de diversas reflexões, pois se apresenta como um espaço privilegiado das práticas cotidianas de diferentes sujeitos e contextos. (CARVALHO, 2018). Cabe frisar, ainda, que a cidade é uma dimensão do vivido que apresenta os lugares da vida das pessoas, que pode ser utilizada para potencializar a construção de conhecimentos significativos nas aulas de Geografia, podendo ser explorada para fins pedagógicos e sociais. É preciso ressaltar a importância de se trabalhar as questões sobre cidade nas aulas, de modo que as singularidades dos espaços em que os alunos estão inseridos sejam introduzidas nas discussões. Os livros didáticos podem ser aliados dos professores quando exploram abordagens locais e não se limitam a cidades "desconhecidas", de fato, pelos alunos.

Em relação aos livros didáticos, os autores Lima e Thomaz (2008, p. 9) problematizam o estudo de cidade para uma escala mais local, cabendo aos professores sua adequação para que seja viabilizado o ensino. Com apoio bibliográfico e metodológico, para além do uso do livro, não se utilizam apenas práticas focadas em transmitir informações. Para Furtado e Kaercher (2021, p. 6), "ensinar a cidade não precisa ater-se à apresentação e definição de conceitos prontos". Mais do que isso, é valioso destacar o conhecimento prévio do aluno sobre cidade, qual percepção a partir das experiências empíricas nos espaços de convívio.

Essa tem sido uma das abordagens utilizadas por Cavalcanti (2015, p. 13), e a autora dá ênfase ao aluno enquanto sujeito ativo do processo de ensino-aprendizagem ao considerar as "[...] histórias de vida deles, valorizando assim uma aprendizagem significativa." Desse modo, Carvalho e colaboradores (2007) salientam a utilização dessa abordagem ao citar que

> [...] é a partir dos conhecimentos que os alunos trazem para a sala de aula que eles entendem o que se apresenta em classe [...] os alunos trazem para a sala de aula conhecimentos já construídos, com os quais ouvem e interpretam o que falamos. Esses conhecimentos foram construídos durante sua vida através de interações com o meio físico e social e na procura de explicações do mundo. [...] a criança constrói de maneira espontânea conceitos sobre o mundo que a cerca (2007, p. 14).

A partir da ideia explorada anteriormente, Moreira (2005, p. 37) esclarece ainda mais este pressuposto

> A aprendizagem significativa caracteriza-se pela interação cognitiva entre o novo conhecimento e o conhecimento prévio. Nesse processo, que é não literal e não-arbitrário, o novo conhecimento

> adquire significados para o aprendiz e o conhecimento prévio fica mais rico, mais diferenciado, mais elaborado em termos de significados, e adquire mais estabilidade (MOREIRA, 2005, p. 37).

Com base nessas concepções, a partir da experiência docente na educação básica, mais especificamente em uma turma do 9º ano da Escola Indígena de Ensino Fundamental e Médio *Tatakti Kyikatejê,* localizada no município de Bom Jesus do Tocantins/PA, os discentes em Geografia optaram pela investigação do conhecimento prévio dos alunos sobre cidade, utilizando-se do desenho como aporte didático na intenção de construir o conhecimento de maneira coletiva. Assim, serão apresentados e discutidos, no tópico a seguir, os desenhos produzidos e as justificativas das representações realizadas pelos alunos na aula de Geografia.

Análise dos desenhos e justificativas dos alunos do 9º ano[1]

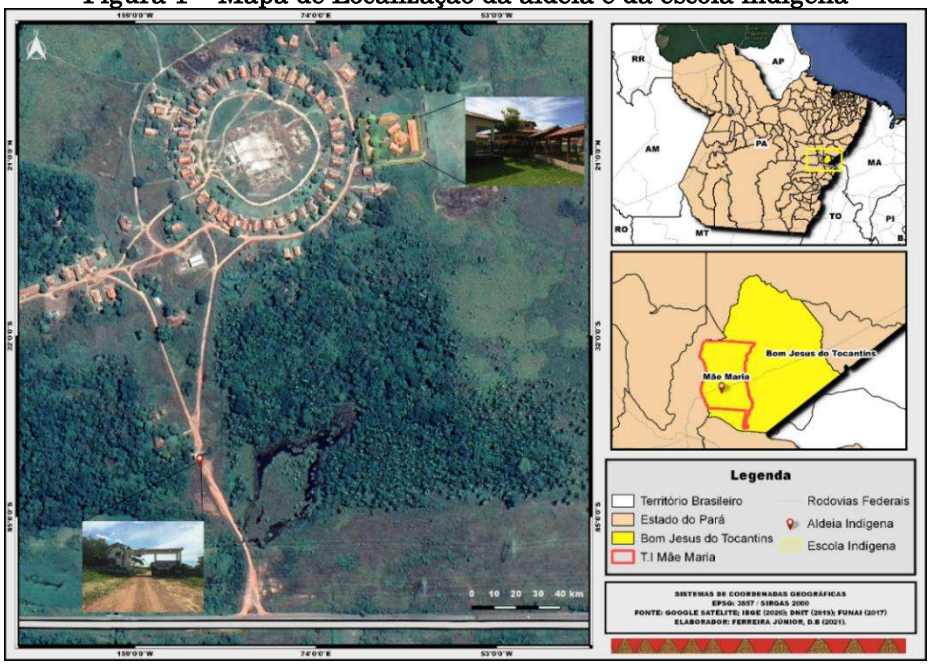
As aldeias têm diversas formas de organização moldadas de acordo com os seus costumes e tradições, sendo um elemento fundamental de resistência e preservação da identidade dos grupos. Os *Kyikatejê,* por exemplo, possuem uma estrutura conforme o padrão *Timbira,* ou seja, casas organizadas de maneira circular (NIMUENDAJÚ, 1956, p. 14). O centro da aldeia é denominado *Kajipôkre* para o povo da aldeia *Kyikatêjê*, sendo considerado um espaço importante para compartilhar histórias entre os mais

[1] O ensaio apresenta falas transcritas de maneira fiel a linguagem dos alunos da escola indígena.

velhos, além de reuniões, encontros e brincadeiras desenvolvidas pelos indígenas. Fernandes (2010, p. 34) caracteriza o pátio (*Kajipôkre*) como [...] espaço de todos, por isso, cuidado por todos, é periodicamente capinado pelas famílias, principalmente no período das chuvas quando as plantas crescem com mais vigor."

A aldeia é constituída por posto de saúde, acampamento, associação de moradores, abatedouro, campo de futebol e, pôr fim, a escola Indígena de Ensino Fundamental e Médio *Tatakti Kyikatejê,* âmbito em que foram desenvolvidos o estágio docente e a pesquisa. Com o passar dos tempos, a educação básica passou a ter cada vez mais alunos indígenas, ocasionando deslocamentos da aldeia para as cidades, o que acarretou uma pressão no Estado. Assim, surgiram políticas de integração nacional e instalações de escolas em aldeias indígenas. No mapa (Figura 1) a seguir, é possível observar a escola inserida na aldeia indígena *Gavião*.

Figura 1 – Mapa de Localização da aldeia e da escola indígena



Fonte: arquivo da pesquisa, 2019.

Os(as) alunos(as) da turma em que a atividade foi realizada encontram-se na faixa etária de 13 e 14 anos e residem na aldeia indígena Gavião *Kyikatêjê*, onde a Escola Indígena se localiza. A utilização do desenho na Geografia possui uma relação histórica a partir da elaboração de croquis, esboços de paisagem, esquemas gráficos de localizações, distribuições e extensões espaciais realizados desde as primeiras observações de campo ou a partir da memória. O desenho é bastante explorado na cartografia escolar através da proposta de construção de mapas mentais. Nas palavras de Dantas e autores (2016, p. 52), "A interpretação de mundo pode ser explorada de várias formas [...]", logo, o desenho torna-se um recurso metodológico importante, uma vez que, surge enquanto linguagem e como a primeira escrita da criança.

Oliveira Júnior (2005, p. 3) considera as experiências vivenciadas no universo cultural de cada aluno através de sua narrativa, afirmando que "[...] ao falar de uma imagem, o aluno fala de si mesmo [...]" compartilhando suas experiências individuais. Como aponta Juliasz e Almeida (2010, p. 02), "Podemos afirmar que as representações gráficas são dotadas de uma porção de elementos referente à cognição, cultura, desenvolvimento motor e afetividade daquele que o produz." Através dos desenhos, os alunos possuem a capacidade de construir o seu próprio mundo além de apresentar os espaços ocupados e vividos cotidianamente.

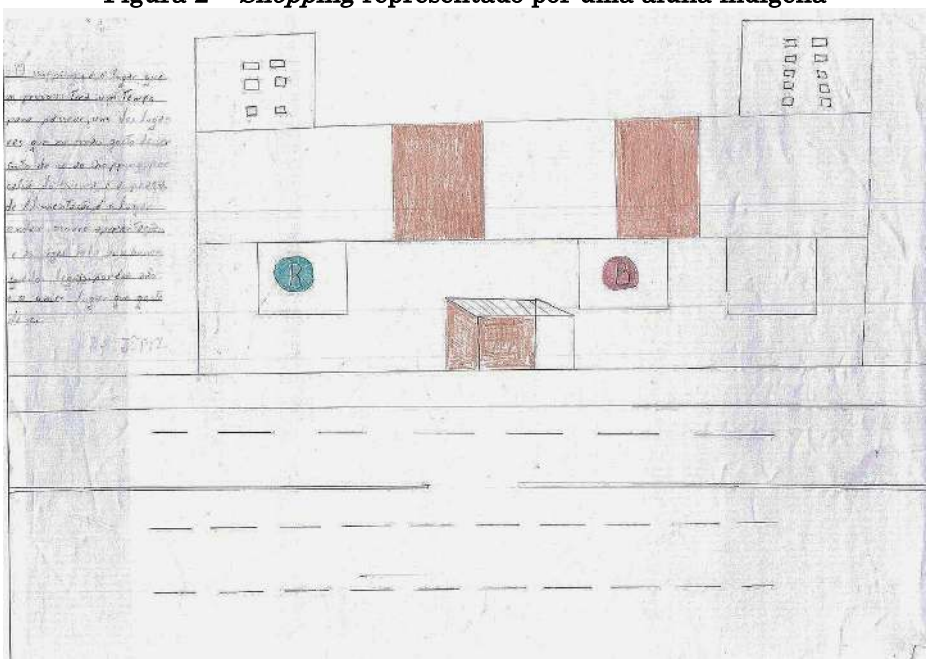
Assim, Cavalcanti (2002, p. 19) ensina-nos que

> [...] um dos modos de captar a geografia do cotidiano pode ser o trabalho com as representações sociais dos alunos, e buscar essas representações tem se revelado um caminho com bons resultados para permitir o diálogo entre o racional e o emocional, o verbalizado e o não verbalizado, entre a ciência e o senso comum,

> entre o concebido e o vivido. (CAVALCANTI, 2002, p. 19).

A partir da ideia sobre "representações sociais", anteriormente citadas, os(as) alunos(as) da turma do 9º ano foram solicitados pelo estagiário — à época, regente da disciplina de Geografia — a elaborarem desenhos respondendo à seguinte questão: o que é cidade para você? Em seguida, deveria ser explicado o porquê da escolha apartir de pequenos textos/comentários. Assim, poderiam expressar suas compreensões acerca do que é cidade. Para Mota (2000), as cidades são a "[...] floresta do índio [...]", uma vez que nesse local os povos indígenas procuram ser atendidos em relação aos bens e serviços essenciais, como saúde e educação. Ressalta-se também a sua presença constante nos espaços de lazer e consumo das cidades, como mostram as representações dos desenhos a seguir (Figuras 2 e 3).

Figura 2 – *Shopping* representado por uma aluna indígena



Fonte: acervo da pesquisa, 2019.

Salienta-se a convivência dos moradores da aldeia *Kyikatêjê* (Bom Jesus do Tocantins/PA) com o município de Marabá/PA, que é mais próximo e atende aos municípios do seu entorno. Além disso, assume uma condição de cidade média, considerada essencial na função de oferecer e distribuir bens e serviços para sua população e para as cidades menores (TRINDADE JÚNIOR; PEREIRA, 2007, p. 337). Malheiro (2019, p. 197) reforça essa relação dos povos indígenas com a cidade, explanando que

> Em Marabá, a relação entre etnicidade indígena e a urbanização apresenta-se a partir de múltiplos processos, que levaram diferentes comunidades ou famílias indígenas a viver o urbano, e torná-lo parte de suas práticas sociais, políticas, econômicas e culturais, sem necessariamente perder o vínculo com seus territórios ou com seus grupos étnicos. (MALHEIRO, 2019, p. 197).

O desenho anteriormente apresentado, elaborado por uma aluna indígena de 13 anos de idade, busca representar um dos espaços de lazer: o *shopping center*. A aluna, então, justifica o desenho:

> O shopping é o lugar que as pessoas tiram um tempo para passear, um dos lugares que mais gosto de ir. Gosto de ir ao shopping por causa do cinema e da praça de alimentação. É o lugar onde ocorre umas apresentações e às vezes rola uns brinquedos legais (aluna indígena, 2019).

Ainda se faz presente a imagem do indígena brasileiro, estereotipado como selvagem, habitante de aldeias e florestas, onde possui uma relação intrínseca com a natureza, de onde provém a sobrevivência (caça e pesca), como se o tempo tivesse passado para nós e não para eles (AMPARO, 2013). O Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE) apresentou, através do Censo Demográfico (2010), 817.963 indígenas que vivem em território brasileiro, dos quais 502.783 vivem na zona rural e 315.180 correspondem a quase metade da população indígena brasileira que vive nas pequenas, médias ou grandes cidades, usufruindo do comércio, conforme ilustra a atividade do 2º aluno:

Figura 3 – Comércio ilustrado como elemento da cidade



Fonte: acervo da pesquisa, 2019.

Nas palavras do aluno, a respeito do desenho, "[...] as lojas e comércios são muito legal de ver achei muito interessante todas aquelas coisa que a gente compra no dia [...]"; ao mencionar o que pensa ser uma cidade, esse aluno elucida um dos elementos cruciais na economia de uma cidade: o comércio local. Pode-se identificar, no desenho, as possíveis opções de consumo do aluno (como os setores alimentícios e de vestuários) ou suas percepções durante a vivência no espaço citadino; entretanto, ainda permanece, na contemporaneidade, uma visão estática acerca da cultura dos povos

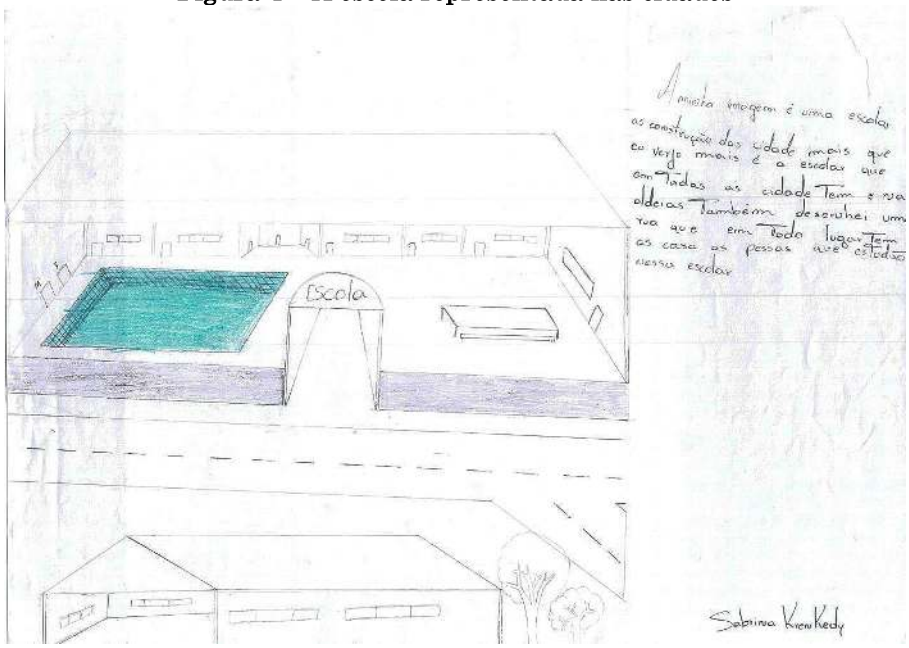
indígenas, limitada à presença e à apropriação nos espaços da cidade.

Nesse sentido, Nunes (2010) enfatiza as transformações acerca das concepções que possuímos sobre os costumes e as experiências desses povos, afirmando que

> Os universos indígenas com os quais viemos a nos familiarizar envolvem-se, cada dia mais, com processos de nosso próprio mundo, como, por exemplo, o consumo, os processos de monetarização, de dependência de mercadorias industrializadas, o dinheiro etc. (NUNES, 2010, p. 10).

Outro elemento que compõe as cidades é a presença das instituições escolares frequentadas por alunos indígenas, e reproduzidas por eles, como no desenho a seguir.

Figura 4 – A escola representada nas cidades

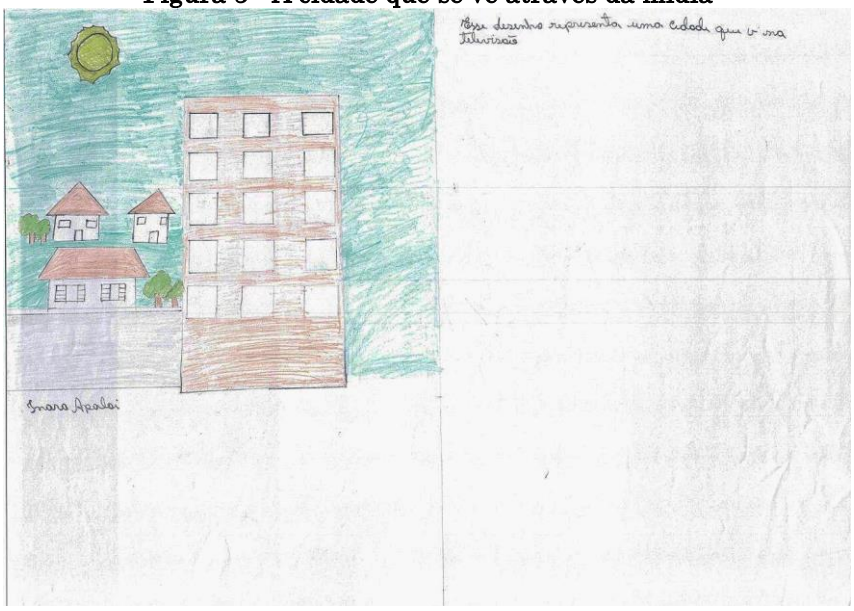


Fonte: acervo da pesquisa, 2019.

Ao comentar o próprio desenho, a aluna afirma que "A minha imagem é uma escola, as construção das cidade mais que eu vejo mais é a escola que em todas as cidades tem e na aldeia também. Desenhei uma rua que em todo lugar tem as casa as pessoas que estudam na escola." A partir do desenho e do comentário, ressalta-se a magnitude em que a aluna compara a presença da escola indígena na aldeia, o que nos mostra também a materialização desse ambiente escolar para além do espaço urbano, fazendo-se presente, por exemplo, na aldeia *Kyikatêjê* desde o ano de 2006. Segundo o Censo Escolar de 2015, existem 3.085 escolas indígenas no Brasil, com um total de 285 mil estudantes e 20 mil professores que atendem cerca de 305 etnias que falam 274 línguas diferentes.

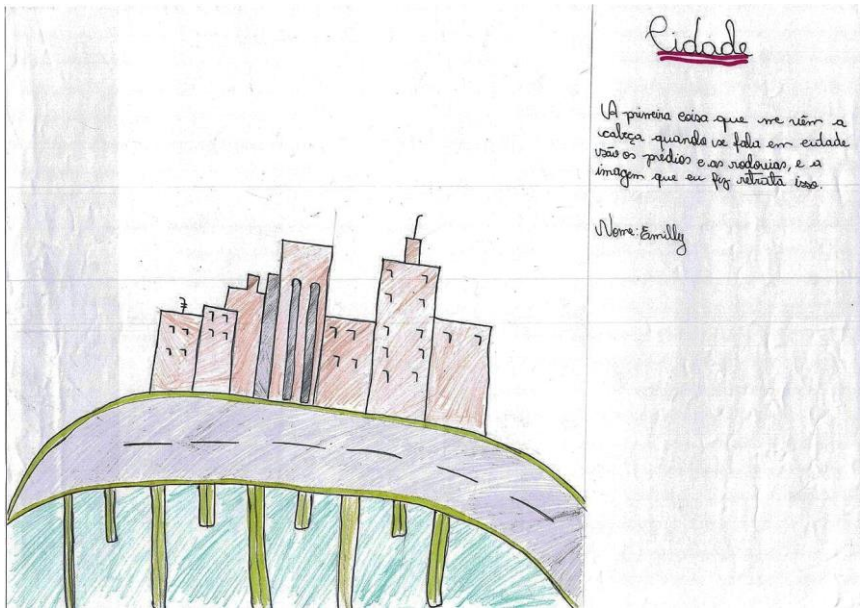
Cohn (2014) reforça que, atualmente, é inviável "[...] levantar uma aldeia sem escola [...]", sendo um elemento de suma importância no resgate e na valorização de suas culturas. Nesse sentido, Aguilar e Norder (2016, p. 28) explanam as dificuldades vivenciadas pelos indígenas nas escolas da cidade, marcadas por discriminação e desinteresse dos professores pela cultura indígena, o que acarreta o alto índice de reprovação e evasão escolar. Cabe ressaltar a maneira com que os alunos são, frequentemente, influenciados pela televisão e outros meios midiáticos, corroborando e fortificando as generalizações, como, por exemplo, sobre o conceito de cidade na disciplina de Geografia. Devem ser realçados outros lugares distantes, como as cidades das metrópoles Rio–São Paulo. As Figuras 5 e 6 a seguir ilustram essa cidade padronizada.

Figura 5 - A cidade que se vê através da mídia



Fonte: acervo da pesquisa, 2019.

Figura 6 - A cidade padronizada

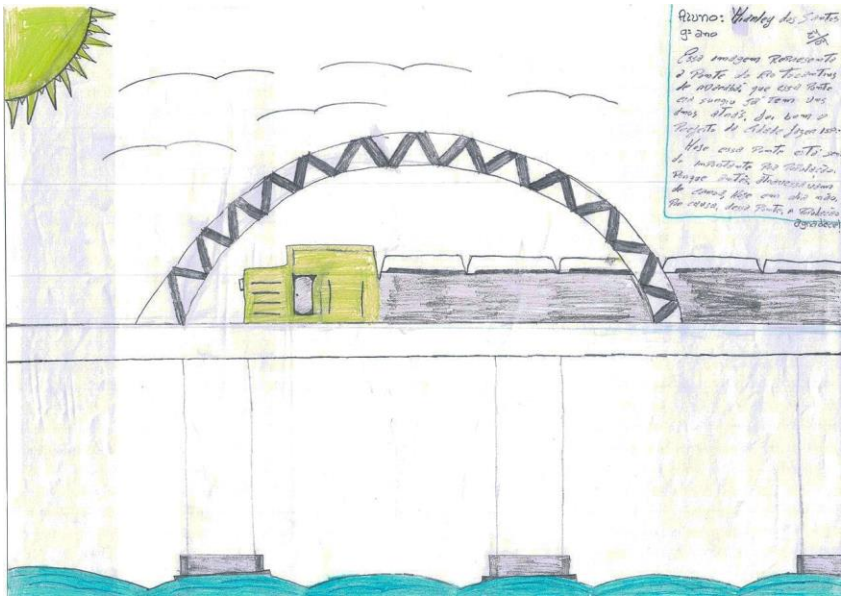


Fonte: acervo da pesquisa; 2019.

Na Figura 5, o aluno foi sucinto ao justificar o seu desenho, comentando a representação de uma cidade visualizada através da televisão. É possível associar o desenho 5 ao desenho 6, quando o aluno comenta que "A primeira coisa que me vem à cabeça quando se fala em cidade são os prédios e as rodovias e a imagem que eu fiz retrata isso". O ambiente televisivo é um dos meios de mais influência e captação de informações, tanto nos seus aspectos sociais como nos culturais, o que comumente influência nas percepções individuais de mundo. A partir do desenho e do comentário, nota-se a presença da verticalização por meio dos prédios e da rodovia, características essas que ainda não são tão visíveis nas paisagens das cidades (amazônicas) em que os alunos vivem.

Como mencionado anteriormente, a cidade de Marabá, município vizinho de Bom Jesus do Tocantins, onde localiza-se a aldeia, possui uma influência para as demais cidades da região. Nesse sentido, o desenho a seguir (Figura 7) simboliza a ponte rodoferroviária, que tem 2.340m de extensão, além da particularidade quanto à presença de uma linha férrea ao centro e nas duas laterais as pistas rodoviárias.

Figura 7– Representação da Ponte Rodoferroviária sob o rio Tocantins em Marabá/PA



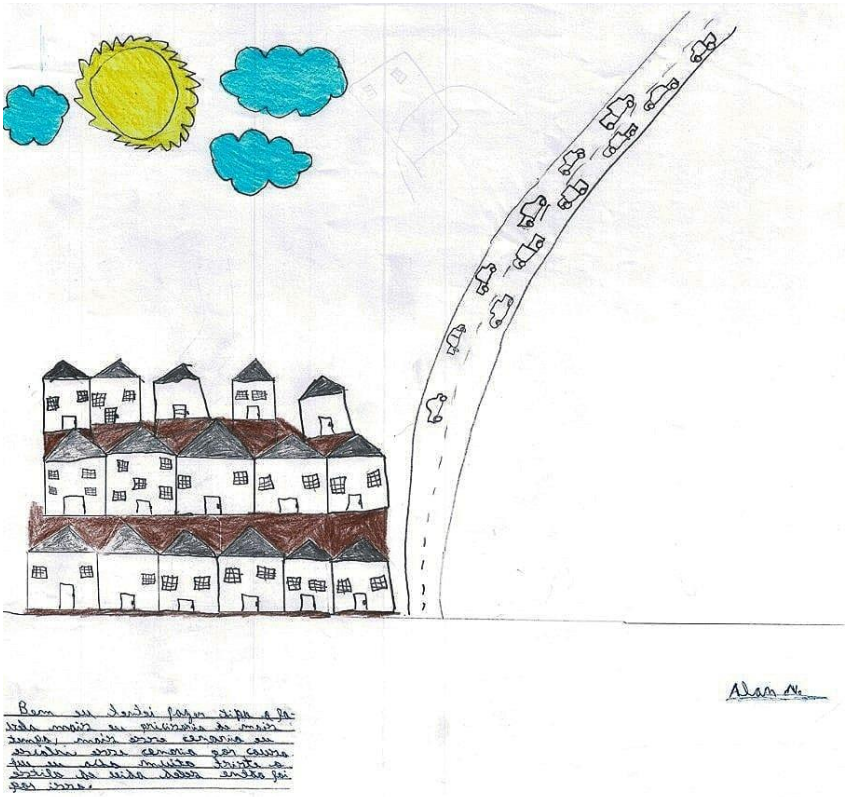
Fonte: acervo da pesquisa; 2019.

Ao comentar sobre o desenho, o aluno afirma que

> Essa imagem representa a ponte do rio Tocantins de Marabá que essa ponte ela surgiu já tem uns anos atrás. Foi bom o prefeito da cidade fazer isso. Hoje essa ponte está sendo importante para a população, porque antes atravessávamos de canoa, hoje em dia não, por causa dessa ponte a população agradece. (Aluno indígena, 2019).

Por fim, foi analisado o desenho de um aluno não indígena, que estuda na escola devido ao seu pai prestar serviço à aldeia, residindo também no território dos povos indígenas. Esse aluno já residiu e estudou nas escolas de Marabá, o que aponta para uma vivência ainda maior com os aspectos da cidade.

Figura 8 - A favela como fenômeno socioespacial



Fonte: acervo da pesquisa; 2019.

Ao escrever seu texto o aluno relata: “Bem eu tentei fazer tipo a favela mais eu precisaria de mais tempo, mas esse cenário que eu escolhi é por causa que eu acho muito triste o estilo de vida deles então foi por isso.” O que nos prende a atenção é a forma com que representa uma favela, com suas características que se fazem presentes: casas em cima umas das outras, espaços curtos entre as residências, ausência de cores nas casas, aspectos marcantes onde há esse fenômeno urbano, diferentemente da região Norte do País. Ao questioná-lo sobre suas experiências entre viver na cidade e na aldeia, o aluno nos relatou que havia morado em um bairro da cidade de Marabá, o qual ele associou à favela devido ao fato de que o local recebe “invasão” de moradores, além da semelhança no modo de vida das pessoas do bairro.

Conclusão

Constata-se por meio desta pesquisa que os temas sobre cidade têm sido cada vez mais trabalhados no âmbito escolar, sobretudo no ensino de Geografia, que propicia o desenvolvimento dos alunos frente à realidade contemporânea em que o mundo se encontra: cada vez mais marcado pelo urbano. É importante destacar o domínio e o manuseio do conteúdo utilizando-se das diferentes linguagens, como, por exemplo, o desenho. Um instrumento pedagógico que possibilitou ampliar o conhecimento crítico e estimular a participação dos alunos da escola indígena.

Através dessa atividade, foi possível demonstrar a visão dos alunos indígenas, que trouxeram consigo suas concepções e relações tão próximas com as cidades, desmitificando a cidade enquanto um lugar muito distante, e descontruindo o estereótipo genérico associado a eles. Em conformidade com Malheiro (2019, p 264), concluímos que "[...] índio e a cidade não são elementos antagônicos, pois, no espaço urbano, o indígena não está necessariamente deslocado de seu lugar de origem, tampouco fora de seu mundo". Ao fim desta experiência, compreendeu-se a forma com que os alunos comparam a aldeia com a cidade, a partir de elementos urbanos que, progressivamente, fazem parte das suas vidas, como a presença das instituições escolares no território indígena.

Percebemos, também, a vivência de alguns alunos na cidade, ao mencionarem o *shopping center* e o comércio, buscando consumo, lazer, diversão, entre outras coisas. Por sua vez, outros alunos demonstraram a influência das tecnologias, como a televisão, na construção do seu pensamento e conhecimento. Em síntese, deduz-se que os saberes prévios dos alunos podem ser explorados,

possibilitando o desenvolvimento do pensamento geográfico e aprimorando o olhar crítico dos alunos com relação a este espaço citadino.

Referências

AGUILAR, Flor Magali Lopez; NORDER, Luiz Antonio. A escola na cidade e a escola na aldeia: a criação do colégio estadual indígena benedito rokag, terra indígena kaingang apucaraninha (tamarana/pr). **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre v. 10, n. 2, p. 11, 2016.Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/66580. Acesso em: 23 jan. 2022.

AMPARO, Sandoval dos Santos. (2013). Questão indígena como questão urbana: notas para a construção de uma problemática geográfica**. Ensaios de geografia**, 1, 32-58. Disponível em: https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/36242. Acesso em: 28 mar. 2022.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. In: **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Orgs. MORAIS, Eliana Marta Barbosa de & MORAES, Loçandra Borges de. Goiânia: Editora Vieira, NEPEG, 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Lugar: Mundializacao e Fragmentacao. In: **Encontro 'o novo mapa do mundo'**, 1992. Resumos. São Paulo.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A prática espacial urbana como segregação e o direto á cidade como horizonte utópico. In: Pedro Vasconcelos;Roberto Lobato Correa; Silvana Pintaudi. (Org.). **A cidade contemporânea: segreagação espacial.** 1ªed.São Paulo: Editora Contexto, 2013, v. , p. 95-110.

CARVALHO SOBRINHO, Hugo. A cidade e o ensino de geografia: significação a partir das práticas espaciais cotidianas**. Itinerarius Reflectionis**, v. 14, n. 2, p. 01-12, 2018. Disponível em: https://revistas.ufg.br/rir/article/view/53675. Acesso em: 14 de fev. 2022.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa.; VANNUCHI, Andréa Infantosi.; BARROS, Marcelo Alves.; Gonçalves, Maria Elisa Rezende.; REY, RENATO CASAL. **Ciências no ensino fundamental: o conhecimento físico.** São Paulo: Scipione, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza**. Geografia e práticas de ensino.** Goiânia**.** Ed. Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia escolar e a cidade: Ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**.- Reimpressão. 5. ed. Campinas-SP: Editora Papirus, 2012. 190p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens escolares e a cidade: concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 35, p. 74-86, 2013. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2171. Acesso em: 14 de fev. 2022.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens escolares e sua Geografia: Práticas espaciais e percepção no/do cotidiano da cidade. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes (Org.)**. A cidade e seus Jovens**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015. p. 13-29.

COHN, Clarice. A cultura nas escolas indígenas. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; NIEMEYER, Pedro Cesarino (Org.). **Políticas culturais e povos indígenas**. São Paulo: Unesp, 2014. p. 313-336.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo, Ática, 1989.

DANTAS, Thiago Calheiros; DOS SANTOS, Maria Francineila Pinheiro; DA SILVA, Ana Paula Lopes. O desenho como recurso didático no ensino de geografia. **Revista Contexto Geográfico**, v. 1, n. 2, p. 52-61, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.28998/contegeo.v1i2.6093. Acesso em: 15 de fev. 2022.

FURTADO, Tanara Forte; KAERCHER, Nestor André. Educação geográfica nos anos iniciais do ensino fundamental: a percepção infantil sobre a diferenciação social em espaços da cidade. **Revista Signos Geográficos**, v. 3, p. 1-21, 2021. Disponível em:

https://revistas.ufg.br/signos/article/view/64719. Acesso em: 17 de fev. 2022.

FREIRE, Paulo, 1921 – 1997 **Política e educação: ensaios** / Paulo Freire. – 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época ; v.23)

Instituo Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo demográfico 2010.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Censo Escolar, 2015. Brasília: MEC, 2015.

JULIASZ, Paula Cristiane Strina.; ALMEIDA, Rosangela Doin. As relações entre desenho e representação espacial na infância: um estudo sob a ótica da teoria sócio-cultural e das relações tempo-espaço-corpo. In: **I Congresso Brasileiro de Organização do Espaço e X Seminário de Pós Graduação em Geografia da Unesp** - Rio Claro, 2010, Rio Claro.

LIMA, Janete Aparecida de; THOMAZ, Sérgio Luiz. O estudo do lugar e a formação do aluno cidadão. In: PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação**. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense: produções didático pedagógica,** 2008. Curitiba: SEED/PR., v. 2, 2011. (Caderno PDE). Acesso em: dezembro de 2021.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ed. Ática, 1991. P 5 – 76

MALHEIRO, Tatiane de Cássia Costa. **(Etni)Cidade Indígena na Amazônia : Por uma geografia do contato interétnico**. Niterói, 2019. Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense.

MOREIRA, Marco Antônio. Aprendizagem significativa crítica. In: **anais do III Encontro Internacional sobre Aprendizagem Significativa**, Lisboa (Peniche). p. 33-45. 2005.

MOTA, Lúcio Tadeu (org.). **As cidades e os povos indígenas. Mitologias e visões. Maringá**: EDUEM, 2000.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Os Apinayé**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1956.

NUNES, Eduardo Soares. Aldeias urbanas ou cidades indígenas? Reflexões sobre índios e cidades. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 9, 2010. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/8289. Acesso em: 3 mar. 2022

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. A produção da escuta a partir de imagens. In: **encontro nacional de prática de ensino de geografia**, 8., 2005, Dourados. Anais... Dourados, 2005. p. 1-25.

Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD: microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

TRINDADE JUNIOR., Saint-Clair.; PEREIRA, José Carlos Matos. Reestruturação da rede urbana e importância das cidades médias na Amazônia oriental. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 313-342.

Submetido em: 15 de abril de 2022.
Devolvido para revisão em: 10 de maio de 2022.
Aprovado em: 14 de setembro de 2022.

Como citar este artigo:

BARBOSA, D.; CARNEIRO, J. .; ALVES, R. .; VINICIUS , M. . ENSINO DE GEOGRAFIA E A CIDADE: REPRESENTAÇÕES NOS DESENHOS DOS ALUNOS DA ESCOLA INDÍGENA TATAKTI KYIKATEJÊ – ALDEIA GAVIÃO – BOM JESUS DO TOCANTINS-PARÁ . **Terra Livre**, ano.37, V.1, n.58, 2022, p.356- 382. .Disponível em: https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/2267.